

AS INVESTIGAÇÕES DE CARLOS RIBEIRO E DE NERY DELGADO SOBRE O "HOMEM TERCIÁRIO": RESULTADOS E CONSEQUÊNCIAS NA ÉPOCA E PARA ALÉM DELA

por João Luís Cardoso¹

Carlos Ribeiro (1813-1882) (Fig. 1) e Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 2) são duas personalidades já suficientemente estudadas no contexto científico português da segunda metade do século XIX. Trabalhando em conjunto de 1857 a 1882, anos respectivamente da nomeação de Carlos Ribeiro como Membro Director da Segunda Comissão Geológica de Portugal e do seu falecimento, sucedido pela nomeação de Nery Delgado à frente da Instituição, que dirigiu até ao passamento, em 1908 (Fig. 3), difícil se torna delimitar com rigor os contributos devidos particularmente a um e a outro, no domínio específico que nos propomos tratar. Ambos, em conjunto ou separadamente, foram já objecto de estudos que puseram em relevo a importância da obra realizada, tanto no domínio da Geologia e da Cartografia Geológica, que constituiu o essencial do seu labor científico, como no âmbito, mais restrito, da Arqueologia pré-histórica, cultivada com dedicação e qualidade, granjeando-lhes projecção internacional ainda hoje inexcedida.

De todos os estudos historiográficos dedicados à investigação arqueológica oitocentista realizada em Portugal, destaca-se o de Manuel Farinha dos Santos (SANTOS, 1980), e, ainda, sobre os contributos de Nery Delgado no domínio da investigação arqueológica de grutas, o de João Zilhão (ZILHÃO, 1993). Uma síntese sobre a Arqueologia portuguesa no século XX, apresenta, também, elementos de interesse sobre os antecedentes do século anterior (FABIÃO, 1999). Mas é no primeiro daqueles estudos que se descreve, em pormenor, o que se fez (e quem fez) e como se fez em Portugal, de 1850 a 1880, em todos os domínios da investigação pré-histórica, desde as cavernas até aos monumentos megalíticos e estações de ar livre, com destaque, no tocante a estas últimas, para os concheiros de Muge. Importava, deste modo, dar continuidade ao trabalho de Manuel Farinha dos

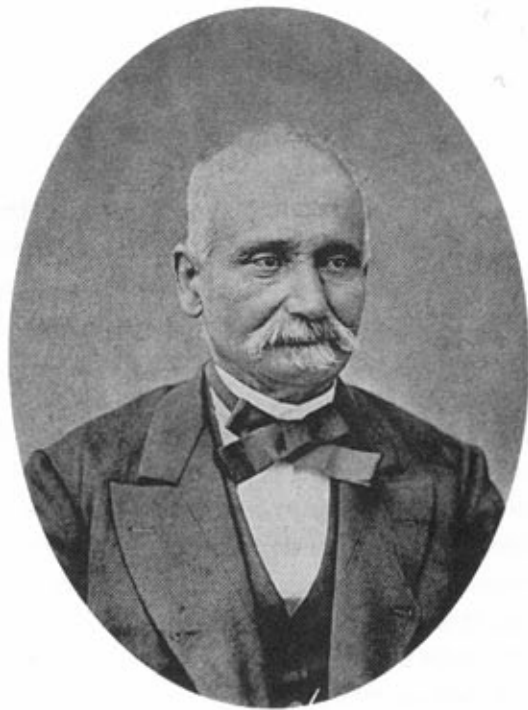
(1) Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador de Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Santos, através da análise da conjuntura internacional em que se desenrolaram as investigações pré-históricas na Europa oitocentista, por forma a responder à terceira parte da questão: o porque se fez, e, ainda, as consequências do que se fez. Tal é o duplo propósito da presente contribuição, centrada especialmente na questão do "Homem Terciário", que constitui o tema mais relevante da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, realizada em Lisboa em 1880, marco na história das investigações em Portugal, justamente considerado como *terminus* de uma época.

Em monografia apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa em 1871, Carlos Ribeiro declarou, "com altivez e independência", no dizer de Ricardo Severo (SEVERO, 1898, pp. 165-166), o seguinte, a propósito da autenticidade das indústrias líticas do suposto "Homem Terciário" que vinha recolhendo nas bacias do Tejo e do Sado, desde a primeira metade da década anterior: "Mas, se apesar das considerações expostas, ainda houver duvida em aceitar o homem miocène de Portugal, convidaremos os geólogos a explorar as escarpas formadas pelas camadas do grupo (a) nas cercanias de Lisboa, e as camadas do grupo (b) atravessadas pelas estradas do Carregado às Caldas, e de Villa Nova da Rainha a Rio Maior, e ahí encontrarão dados authenticos e provas concludentes, que lhes demonstrem a contemporaneidade da nossa especie com aquellas camadas terciarias" (RIBEIRO, 1871, p. 57).

Estava, deste modo, lançado o mote que iria ocupar boa parte das preocupações de Carlos Ribeiro na década de 1870. Tais descobertas provocaram interesse, embora reservado, na comunidade científica internacional, embora esta cada vez mais se rendesse à autenticidade das investigações devidas a Casimir Picard, logo seguidas das de Boucher de Perthes, no vale do Somme, perto de Abbeville. Como declarou o próprio Carlos Ribeiro, no Relatório da sua participação na VI Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunido em 1872 na cidade de Bruxelas (RIBEIRO, 1873, p. 3), "Ainda em 1860 a Academia Real das Ciências de Paris se assustou por tal fórmula com a nota que lhe apresentára o respeitavel paleontologista E. Lartet sobre a antiguidade geologica da especie humana, que se absteve de a publicar, e apenas consentiu que nos seus compte-rendus se fizesse menção do título". Desconhecemos qual o efectivo fundamento desta afirmação, porquanto a mesma prestigiada revista havia publicado no ano anterior (1859) comunicação de Albert Gaudry na qual se admitia a antiguidade da espécie humana, comprovada pela coexistência de produtos da sua actividade com restos de espécies extintas de animais: uma evidência, para nós óbvia, suscitava, então, a mais viva das polémicas. Nesse mesmo ano de 1859, uma delegação de sábios ingleses ao mais alto nível tinha-se deslocado a Abbeville; e, de impugnadores das descobertas de Boucher de Perthes, que, persistentemente, continuava a publicar a sua obra monumental "Antiquités Celtiques et Antédiluviennes" - 1º. Vol. (1847); 2º. Vol. (1857); 3º. Vol. (1864), passaram a seus defensores.

Em 1863, um fragmento de mandíbula humana – o primeiro resto osteológico humano encontrado de idade diluviana e, por isso mesmo, de importância capital, não obstante a copiosa colecção



Carlos Ribeiro

Fig. 1 - Foto de Carlos Ribeiro (1813-1882).



J. F. Nery Delgado

Fig. 2 - Foto de Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908).

de artefactos entretanto reunidos, tanto no vale do Somme como em outros locais – apareceu em Moulin Quignon, perto de Abbeville. Então, a situação inverteu-se: enquanto os sábios franceses começavam a aceitar a autenticidade das descobertas de Boucher de Perthes, os ingleses recuaram: Falconer, antes ardente defensor, escreve uma carta ao "Times" declarando, em seu nome e no de outros que o tinham acompanhado em 1859, que se tinha enganado. Este volte-face não era estranho à polémica que estalara em Inglaterra, naquele mesmo ano de 1859, aquando da publicação da 1ª. Edição da célebre obra de Charles Darwin. A opinião pública, em parte instigada pela Igreja Anglicana, constringia a comunidade científica. E, no entanto, a realidade arqueológica não contradizia a tradição bíblica no concernente à existência do Dilúvio Universal. Como bem assinalou M. Farinha dos Santos, "O Dilúvio existiu, reflectindo, na memória colectiva, um grande acontecimento natural que ocorreu há milénios, a última glaciação e suas esmagadoras consequências ..." (SANTOS, 1980, p. 254). Modernas investigações conduzidas nas décadas de 1980 e de 1990, mostraram que, entre 13000 e 11000 anos antes do presente, o nível marinho, na costa portuguesa subiu cerca de 60 m, atingindo então a batimétrica -60 m, alagando bruscamente vastos territórios: é fácil imaginar os profundos impactes que o fenómeno induziu na vivência das populações da época, obrigadas a alterar drasticamente, e em curto período de tempo, o seu quotidiano e bases de subsistência. O mesmo terá ocorrido mais tarde, logo no início do Pós-Glaciário: há cerca de 10000 anos, novo aquecimento climático, provocou nova subida do nível marinho, de 40 m em apenas 2000 anos, o qual atingia, cerca de 8000 anos atrás, a batimétrica -20 m (DIAS, 1987; DIAS *et al.*, 1997), induzindo novas perturbações na vida das numerosas comunidades que ocupavam a faixa litoral, brusca e definitivamente submersa até hoje (CARDOSO & SANTOS, 1999).

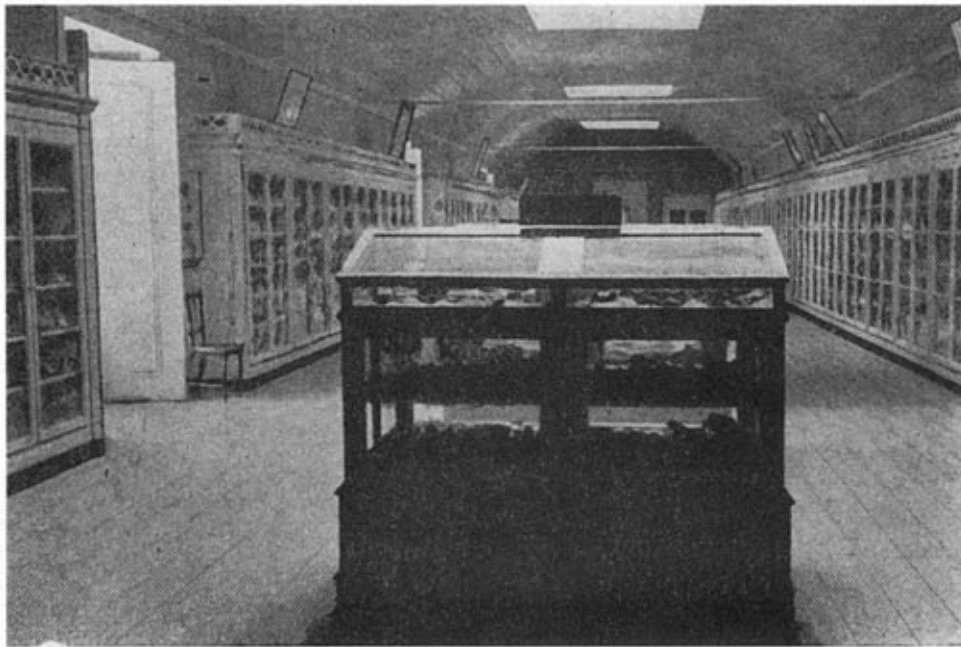
Não esqueçamos que as preocupações de concatenar os progressos científicos da origem e antiguidade do Homem com os dogmas da Igreja, preocupou desde o início diversos sábios e não apenas os teólogos (GONÇALVES, 1978). De entre os Portugueses, merece referência especial a obra do Marechal-Duque de Saldanha, publicada em 1863 em Roma e dedicada ao Papa Pio IX "Concordanza delle Scienze Naturali e principalmente della Geologia com le Genesi" (Fig. 4), na qual o autor admitiu que o prosseguimento das descobertas podia conduzir à comprovação de uma Humanidade antediluviana (*op. cit.*, p. 55). Deste modo, facilmente se compreende a importância do achado, em Março daquele ano de 1863, da mandíbula de Moulin-Quignon, imediatamente sucedido da constituição de uma comissão paritária anglo-francesa para o avaliar. Em Maio, os seus membros reuniram-se no Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris; sem que se tivesse chegado a acordo, resolveram deslocar-se ao local da descoberta. As dúvidas então desvaneceram-se, como consta do acórdão final, redigido por Milne-Edwards (CARDOSO, 1993). Eis como um erro científico – pois a mandíbula em causa pertence simplesmente a um homem moderno – pode, em certas circunstâncias, ser benéfico ao próprio progresso da Ciência. Entre os membros da dita comissão, destacou-se o geólogo Inglês Sir Charles Lyell que nesse mesmo ano de 1863 publicou o seu célebre ensaio "The Geological Evidences of the Antiquity of Man" (LYELL, 1863).

Data também dessa altura a afirmação da Arqueologia nos Países Nórdicos, onde os testemunhos de várias épocas se conservaram excelentemente nas turfeiras, exibindo características próprias, sem a presença da cultura Clássica, uma vez que ali jamais chegaram Gregos e Romanos: foi, no entanto, no norte escandinavo, que o texto de Lucrécio, sobre a existência de três idades sucessivas na marcha da Humanidade: a da Pedra; a do Bronze; e a do Ferro foram, pela primeira vez, cabalmente confirmadas e mesmo subdivididas por Worsaae, antes de 1860, tornando evidentes a qualidade e o avanço da Arqueologia nórdica.

Por todo o lado, os nacionalismos encontravam-se então em plena fermentação; não espanta que a Arqueologia também fosse utilizada para os justificar, legitimando prioridades ou diferenças, sem esquecer que o conhecimento dos primórdios da Humanidade a todos dizia respeito, sendo, por isso, um contributo devido pelas Nações que pretendessem viver em comunhão com as restantes (RIBEIRO, 1873, p. 91).

Era este o espírito que animava os pioneiros da 2ª. Comissão Geológica de Portugal desde o momento da sua criação em 1857. Não ignoravam o progresso dos conhecimentos além-fronteiras: disso é prova não apenas a correspondência do foro arqueológico trocada com os seus pares, conservada no Arquivo Histórico do IGM, mas ainda a abundância de citações que pontuam as suas obras, denotando leituras que influenciaram, desde o início, as interpretações apresentadas sobre os mais diversos factos de observação. Apenas um exemplo: Carlos Ribeiro, em 1866, ao descrever cuidadosamente na sua "Descrição do Solo Quaternário das Bacias do Tejo e Sado", "um sílex representando grosseiramente a cabeça de um réptil" (RIBEIRO, 1866, p. 31) recolhido perto do Carregado, denuncia influências das ingénuas atribuições a figuras zoomórficas de nódulos ou fragmentos siliciosos naturais, recolhidos em Abbeville por Boucher de Perthes (BOUCHER de PERTHES, 1847, Pl. LXII e outras); e outros exemplos se poderiam apontar como a semelhança dos títulos e subtítulos de obras portuguesas e estrangeiras (cf. CARDOSO, 1997, Fig. 1).

Deste modo, os trabalhos de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e de Nery Delgado, vieram provar que, também em Portugal e à semelhança do verificado noutros Países onde os estudos pré-históricos tinham começado há mais tempo e se encontravam mais desenvolvidos, era possível alcançar o conhecimento de um passado humano, muito para além dos documentos escritos, apenas apoiado nos testemunhos materiais que nos chegaram, os quais eram retirados do arquivo da terra e interpretados com base, respectivamente, no método estratigráfico e tipológico, afinal os mesmos que, ainda hoje, presidem ao trabalho do arqueólogo. Ao contrário do verificado em outros países mais ricos e desenvolvidos, como a vizinha Espanha (PRADO, 1864; GÓNGORA, 1868), em Portugal, tais trabalhos, longe de se revelarem pontuais e feitos ao sabor das circunstâncias, assumiram, ainda que fugazmente, carácter continuado e programado, sendo conduzidos por profissionais e realizados oficialmente: recorde-se que, tanto Carlos Ribeiro como Nery Delgado atingiram o posto de General de Divisão desde que, como tenentes, foram requisitados para desenvolver funções do foro estritamente técnico-científico ligado ao reconhecimento geológico do País, onde se



SALA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PREHISTÓRICA

Fig. 3 - Vista da Galeria de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica dos Serviços Geológicos de Portugal no primeiro quartel do século XX (SIMÕES, J.M.O. (1923) - "Os Serviços Geológicos de Portugal". *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 14: 5-123).

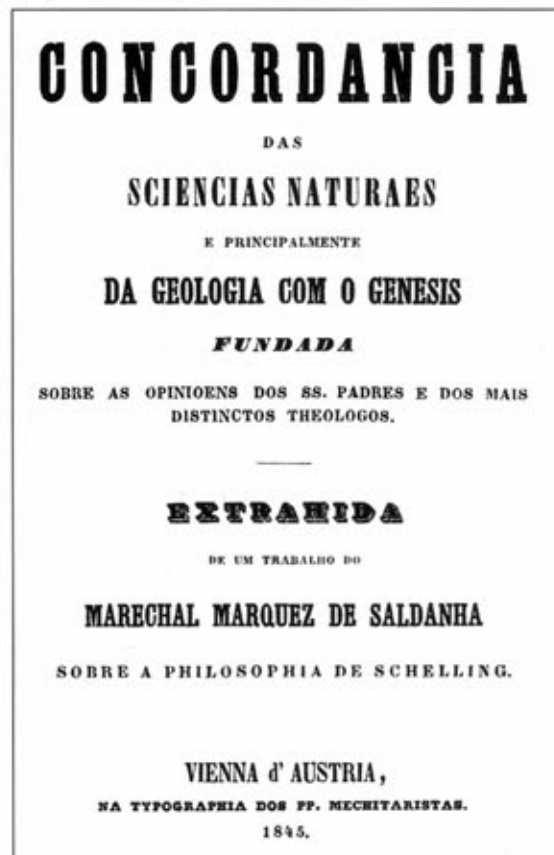


Fig. 4 - Frontispício da obra do Marechal-Duque de Saldanha (1.ª edição, Viena de Áustria, 1845) dedicada à demonstração da compatibilização do Dilúvio com os textos do *Genesis*.

inscreviam as suas actividades arqueológicas no domínio da Pré-História, não mais regressando a quartéis.

O concurso harmónico e integrado de diversas áreas científicas para o conhecimento da realidade humana pretérita, recorrendo à Paleontologia, à Antropologia Física e aos estudos comparados das tradições populares e dos povos primitivos actuais (consubstanciando uma nova área científica então designada por "Paletnologia"), conduziu a abordagens da realidade arqueológica de uma forma "moderna", a qual, entretanto, se perdeu, para só recentemente vir a ser progressivamente retomada. Qualitativamente, a prática arqueológica desenvolvida por estes pioneiros foi inquestionavelmente mais rica e criativa daquela que ulteriormente se instalou na "praxis" arqueológica, tanto em Portugal como na generalidade dos países europeus. Tal realidade justificou o epíteto de "Idade de Ouro" da Arqueologia portuguesa, criado por alguns arqueólogos, para caracterizar o período de actividade da 2ª. Comissão Geológica sob a égide de Carlos Ribeiro, primeiro com Pereira da Costa (1857-1868), depois sózinho (1869-1882).

Porém, dos trabalhos de pré-história então publicados, transparece não tanto originalidade, em termos absolutos – visto acompanharem de perto o progresso dos conhecimentos produzido além-fronteiras (FABIÃO, 1999) – mas, sobretudo, uma clara definição de objectivos: no caso, a busca de provas da antiguidade da presença humana no solo português, seguida da aplicação dos métodos adequados e dos meios necessários para os atingir.

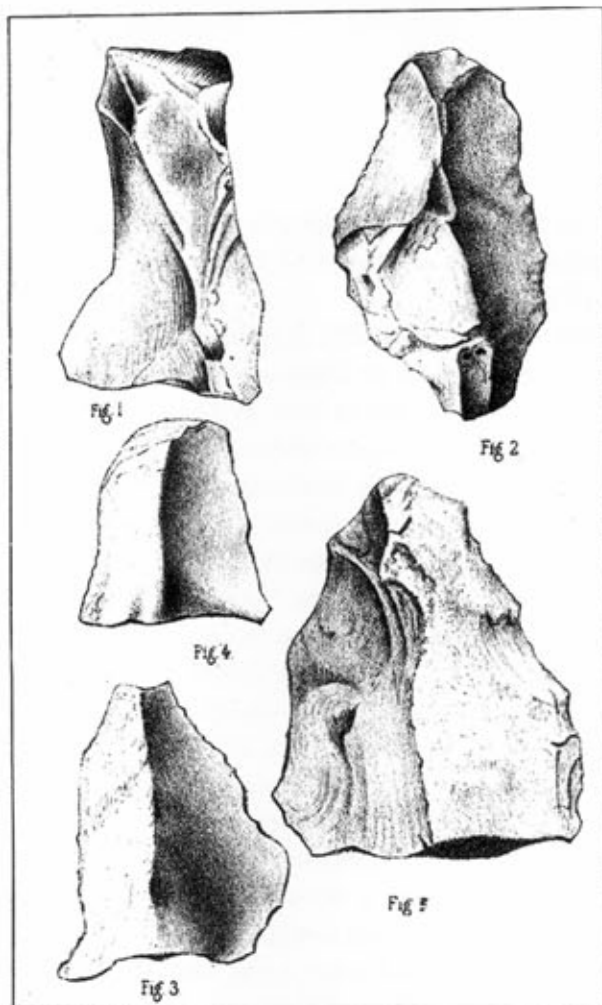
Assim se compreendem as numerosas escavações arqueológicas então realizadas e a integração dos resultados num quadro cultural globalmente coerente, recorrendo aos princípios transdisciplinares atrás referidos; tal era a metodologia usada por todos os que então se ocupavam da investigação do passado pré-histórico, num intenso movimento de circulação de ideias e também de pessoas, facilitado pelos novos meios de transporte, designadamente o comboio.

A título de exemplo, assinala-se o facto curioso de Carlos Ribeiro ter recebido convite para participar na IV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido de 22 de Agosto de 1872 em diante na cidade de Bruxelas, apenas a 10 de Agosto, por parte da Comissão directora dos trabalhos preliminares da reunião, e obtido determinação superior para partir "sem perda de tempo" a 16 de Agosto. Restaram-lhe, deste modo, poucas horas para escolher algumas peças líticas recolhidas na bacia terciária do Tejo, destinadas a, conforme declara, serem apresentadas aos congressistas "se se oferecesse ocasião oportuna (...) como prova da existencia do homem nas nossas latitudes n' aquelles remotos tempos" (RIBEIRO, 1873 a, p. 8), assunto, relembre-se, a que tinha dedicado já importante memória (Fig. 13). De facto, tal oportunidade surgiu, tendo a sua intervenção suscitado polémica da parte dos congressistas que intervieram no debate; os resultados foram, porém, recebidos globalmente com cepticismo, levantando-se dúvidas ou sobre a autenticidade das peças apresentadas (Fig. 5), ou mesmo, em alternativa ou cumulativamente, sobre a idade dos próprios terrenos, que para alguns poderiam ser mais recentes do que julgava Carlos Ribeiro; o esclarecimento desta segunda questão motivou uma outra intervenção, de sua parte, ambas publicadas nas respectivas

actas (RIBEIRO, 1873 b; 1873 c). Não desanimou, porém. Por ocasião da Exposição Internacional de Paris de 1878, Carlos Ribeiro levou consigo 98 exemplares líticos, que foram expostos na Galeria das Ciências Antropológicas. Deles, Gabriel de Mortillet, conservador do Museu das Antiguidades Nacionais de Saint Germain-en-Laye e depois Professor na Escola de Antropologia de Paris, separou vinte e dois, onde viu vestígios irrefutáveis de trabalho, reproduzindo mesmo seis deles em 1879 e, depois, no seu manual "Le Préhistorique" (Fig. 6) (MORTILLET, 1885, p. 99, nota 1). Nesse mesmo ano, E. Cartailhac publicou também oito (MORTILLET, 1885, p. 99, nota 2) e, anos depois, três (CARTAILHAC, 1886, Fig. 6-11) (Fig. 7). Começava, assim, a dar frutos a persistência do nosso compatriota, que hoje pode causar admiração ou estranheza, em espíritos mais timoratos; mas é o próprio que declarava, a tal propósito, o seguinte (RIBEIRO, 1871, p. 33): "A indiferença, e mais ainda a oposição que, no animo da maior parte das pessoas dedicadas ao estudo das sciencias e da litteratura, encontraram as descobertas relativas ao homem primitivo ou ante-diluviano, tiveram diversas causas entre as quais podemos mencionar: a duvida que se manifesta sempre em receber factos e descobertas novas, quando se não harmonizam ou estão em desaccordo com as idéas geralmente recebidas; os preconceitos e o fanatismo cego que muitos homens teem pelas theorias, preferindo antes morrer abraçados a ellas do que prestar homenagem à evidencia dos factos e à verdade; e por fim a pouca vontade do maior numero em trocar os gozos e confortos domesticos pelos incommodos inevitaveis das viagens e explorações, quando teem um fim puramente scientifico".

Cabalmente demonstrada a antiguidade diluviana (ou Quaternária) do Homem, depois da polémica da qual Boucher de Perthes saiu vencedor, pretendia-se ir ainda mais longe, remontando-a para a Era Terciária, ou ante-diluviana, na terminologia de então: Carlos Ribeiro contava-se entre os poucos (ao lado do Padre Bourgeois e do Professor Rames) que tinham contribuído com achados efectivos, que justificavam a discussão instalada, na Europa oitocentista.

Da referida apresentação em Paris dos materiais líticos em apreço, resultou uma maior predisposição para a discussão. Estavam, pois, reunidas as condições para se efectivar em Lisboa, em 1880, a IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, hipótese que, já em 1876 tinha sido objecto de missiva de Luciano Cordeiro (1844-1900) para Nery Delgado, sondando-o para a eventual possibilidade da realização em Lisboa do evento, a que o Governo dispensaria todo o interesse, tendo-lhe então Delgado respondido pela negativa (CARDOSO & MELO, 2000). Seja como for, mercê do interesse da comunidade científica internacional, e em particular do empenho de Carlos Ribeiro, tal reunião veio de facto a efectuar-se em Lisboa de 20 a 29 de Setembro de 1880. O tema principal era a observação detalhada dos materiais recolhidos e a visita ao local dos achados. A sessão de abertura teve lugar no grande salão-biblioteca da Academia das Ciências, na presença de D. Luiz, Protector do Congresso, e de D. Fernando, seu Presidente de Honra, comparecendo os Ministros do Interior, das Finanças, das Obras Públicas, da Justiça e da Marinha, Conselheiros de Estado, Membros do Corpo Diplomático, Académicos e Altos Funcionários (Fig. 8). Dos 393 congressistas inscritos, 156 estiveram presentes, constituindo as pre-



SILEX TERTIAIRES DU PORTUGAL.
 (Mémoire de M. RIBEIRO)
 (grandeur naturelle).

Fig. 5 - Uma das figura da página inteira, ilustrando os achados de Carlos Ribeiro de sílices terciários do baixo vale do Tejo, apresentados ao Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Bruxelas em Agosto de 1872 (RIBEIRO, 1873 b). Reduzido.

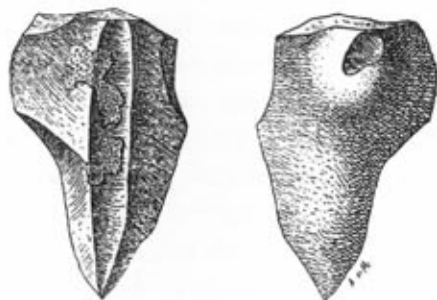


Fig. 10. Face supérieure.
 Fig. 11. — Face inférieure.
 Silex tertiaire des environs de Lisbonne, avec plan de frappe, conchoïde et esquillement de percussion, et incrustation dans le conchoïde en creux. Collection de l'Académie des sciences de Lisbonne. Gr. nat.

Fig. 6 - Sílex terciário, supostamente talhado, do baixo vale do Tejo, reproduzido por Gabriel de Mortillet, na 2.ª edição do "Le Préhistorique", Paris, 1905 (Fig. 10 e Fig. 11). Reduzido.

senças estrangeiras 47% do total, estando representados 12 Países, dos 18 inscritos; mas, onde a importância dos estrangeiros mais se evidenciou foi no número de comunicações (57%) e nos debates (82%) (GONÇALVES, 1980).

Apesar do analfabetismo ultrapassar então 80% da população, gerou-se um interesse por parte das elites citadinas -- e não apenas das instaladas em Lisboa -- pela realização do evento. O progresso científico, que se julgava poder vir a resolver todos os males da Humanidade, iluminava também, intensamente, as suas obscuras origens e em particular a dos míseros incolos terciários portugueses. Este impacto positivo foi, em parte, ampliado pela realização, na mesma altura, de um congresso de escritores em Lisboa, sendo os dois eventos noticiados a par, na revista *Occidente* (Fig. 9). Por outro lado, dois outros acontecimentos notáveis ocorreram em Portugal nesse ano de 1880 (SUEIRO, 1957, p. 255), que serviram como elementos catalisadores da opinião pública: "As explorações africanas foram triunfalmente consagradas pelo delirante entusiasmo público que, nesse ano, acolheu os exploradores, na metrópole. A comemoração do tricentenário de Camões teve o condão mirífico de exaltar o sentimento patriótico até a sublimação e atear novas energias regeneradoras, de confiança na inteligência e no trabalho".

Mesmo em obras de divulgação, o Congresso ecoou: Oliveira Martins incluiu logo na 2^a. Edição dos seus "Elementos de Anthropologia" numerosos extractos das comunicações apresentadas e o impacto no seio da população foi efectivo: basta recordar os numerosos apontamentos do grande Raphael Bordallo Pinheiro, que apresentou verdadeira reportagem ilustrada do Congresso, nas páginas de "O António Maria", de 23 e de 30 de Setembro, portanto sobre o próprio acontecimento (GONÇALVES, 1880). Nelas perpassa a crítica mordaz (embora o Soberano seja apresentado com simpática bonomia: "traduziu pouco e condecorou muito. Jantava-se bem em sua casa. Foi bom príncipe") (Fig. 10) e o anticlericalismo, como competia a tão activo republicano. Carlos Ribeiro é tratado com admiração ("...o nome deste forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo o sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo") (Fig. 11), enquanto o Arq. Possidonio da Silva é displicentemente apresentado como "o organizador de um basar de prendas velhas no museu archeologico e descobridor de uma carroagem que elle mesmo não sabe se foi na antiguidade a tina de Semiramis ou se foi o bidé de Nero ..." (Fig. 12). Assim, jocosamente, se retratava a diferença de métodos e de preocupações que separava os arqueólogos de formação científica que se dedicavam aos estudos da Pré-História, no quadro do Positivismo da época, dos arqueólogos-antiquários, seus contemporâneos, dados às mais eruditas especulações.

A 21 de Setembro, Carlos Ribeiro apresentou a comunicação "L'Homme tertiaire en Portugal" (RIBEIRO, 1884) -- a única a que o Rei assistiu -- tendo exposto, de forma serena e objectiva, os argumentos que considerou relevantes para a defesa da sua tese, enquadrados por uma sólida interpretação estratigráfica e paleontológica da realidade geológica local, que bem conhecia, à luz dos critérios da época. No final, por proposta de Capellini, delegado do Rei de Itália e representante da Cidade e Universidade de Bolonha, foi constituída uma comissão, a qual reuniu, após a excursão à Ota, extensiva a todos os congressistas, efectuada no dia seguinte. Dela resultou a recolha, por

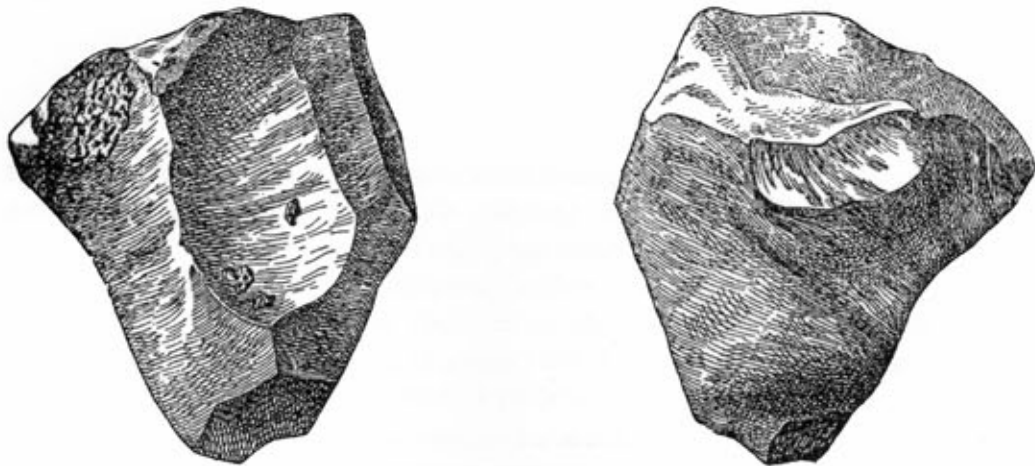


Fig. 6 et 7.

SILEX TAILLÉ AVEC TRACES DU GRÈS D'OTTA.



Fig. 8 et 9.

ÉCLAT DE SILEX DU MIOCÈNE DE ESPINHAÇO DE ÇAO.

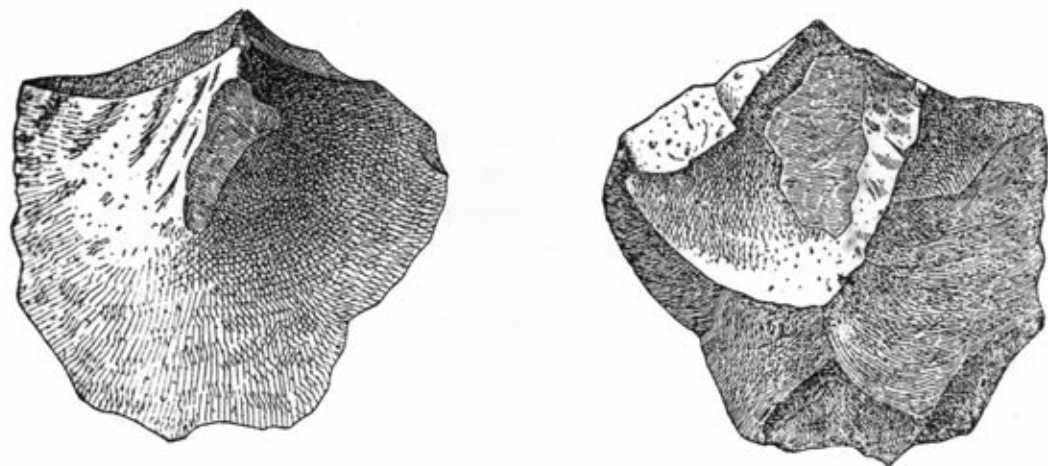


Fig. 10 et 11.

ÉCLAT DE QUARTZITE DU PLIOCÈNE DE BARQUINHA.

Fig. 7 - Conjunto de peças supostamente terciárias (algumas são indiscutivelmente trabalhadas, devendo por isso provir de coberturas quaternárias, muito erodidas, sobre os depósitos terciários), representadas por Émile Cartailhac (CARTAILHAC, 1886).

Bellucci, de uma peça considerada inquestionavelmente talhada pelos presentes, extraída do interior do conglomerado terciário, na presença de Cartailhac, Cazalis de Fondouce, Vilanova e outros (CHOFFAT, 1884 a, p. 63), para além de outras, que jaziam à superfície (Fig. 13).

Reunida a Comissão, constituída por Capellini, Carlos Ribeiro (substituído por Nery Delgado, devido ao agravamento do seu estado de saúde, que conduziria ao seu falecimento, em Novembro de 1882), Cartailhac, Cazalis de Fondouce, Choffat, Cotteau, Evans, Mortillet e Virchow, a discussão desenvolveu-se em torno de quatro questões (CHOFFAT, 1884 b). O resultado saldou-se a desfavor da intencionalidade das peças encontradas *in situ*, e portanto da legitimidade do "Homem Terciário português", por seis votos contra cinco. Virchow, o eminente professor de Antropologia da Universidade de Berlim e opositor da autenticidade das descobertas, na qualidade de presidente da Comissão, encerrou o memorável debate (pormenorizadamente transcrito por CHOFFAT, 1884 b), nos seguintes termos (*op. cit.* p. 118): "Personne ne demandant la parole, la séance va être levée. Ce n'est pas une méthode scientifique que de trancher les questions à la majorité des votants. Il faut donc remettre la décision à un autre Congrès".

Declarado defensor das ideias de Carlos Ribeiro, Gabriel de Mortillet levou tal convicção ao extremo de baptizar o autor destas supostas peças líticas com o nome científico de *Anthropopithecus Ribeiroi* (MORTILLET, 1885, p. 105). O nome arrevezado desta latinização forçada, não passou despercebido ao humor ácido de Camilo, num livrinho intitulado "O General Carlos Ribeiro (recorências da mocidade)", publicado dois anos depois do falecimento do geólogo (CASTELLO-BRANCO, 1884), como carinhosa homenagem ao seu antigo condiscípulo da Academia Polytechnica do Porto: "Este genitivo alatinado e ligeiramente macarrónico, *Ribeiroii*, parece pertencer também à prehistorica da linguagem de Plínio o moço (...). Espero e ousa pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão, não vá latinadamente deturpado pelas edades fóra" (*op. cit.*, p. 20). Esta designação não teve, porém, vida tão longa quanto o nosso ilustre escritor temia; mas ainda em 1905, na 3ª. Edição do seu manual de divulgação "Le Préhistorique" Gabriel de Mortillet a mantinha, com a convicção do Homem Terciário ainda intacta no seu espírito...(MORTILLET, 1885, 1905, p. 102, 105): "A l'époque tortonienne existait donc dans le Portugal un être intelligent éclatant le silex tout comme l'homme quaternaire".

Porém, em Portugal, os reflexos desta memorável reunião, e da *praxis* científica do homens da 2ª Comissão Geológica, rapidamente esmoreceu. Fonseca Cardoso, antropólogo e também oficial do Exército, indignava-se, dez anos volvidos, nestes termos (CARDOSO, 1890, p. 139): "Com um campo tão rico para as suas indagações, a nossa paleoethnologia, em seguida ao Congresso de Lisboa que lhe remata uma pagina brilhante da sua historia, deveria ter augmentado em desenvolvimento. Mas não aconteceu assim. Devido á perda deplorada do seu iniciador, o illustre Carlos Ribeiro, ao indifferentismo normal do nosso publico e á não protecção dos governos, ella paralysoou. A questão do *Anthropopithecus ribeiroi* lá está despregada nas margens do lago tortoniano d'Otta". Este desabafo foi, significativamente, publicado na "Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes" órgão da

OCCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE OUTUBRO DE 1880

VOLUME III — N.º 68



CONGRESSOS ANTROPOLÓGICO E LITTERARIO EM LISBOA — SESSÃO INAUGURAL NA SALA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
EM 20 DE SETEMBRO DE 1880 (Desenho do natural por M. de Macedo)

Fig. 8 - Sessão inaugural da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, na sala da biblioteca da Real Academia das Ciências de Lisboa, em 20 de Setembro de 1880, perante D. Fernando e D. Luís (in "Occidente", de 15 de Outubro de 1880).



O EXCELSO TRADUCTOR DE SHAKSPEARE, AUGUSTO PROTECTOR DO CONGRESSO. A posteridade dirá d'elle: Traduziu pouco e condecorou muito. Jantava-se bem em sua casa. Foi bom príncipe.

Fig. 10 - D. Luís, caricaturado por Raphael Bordello Pinheiro, em "O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880, no decorrer de uma das sessões do Congresso de 1880.



CARLOS RIBEIRO, O DESCOBRIDOR DO HOMEM TERCIÁRIO PORTUGUEZ. — Quando alguns dos sabios nacionaes viram posta em duvida a authenticidade d'este descobrimento elles jubilarap muito, porque não ha coisa que mais alegre um sabio ambiguo do que encontrar um outro que lhe parece mais ambiguo ainda. Não obstante isso, o nome d'este forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo e sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo.

Fig. 11 - Carlos Ribeiro, visto por Raphael Bordallo Pinheiro; à direita, o Duque de Ávila, conotado com o "Homem Terciário" ("O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880).



O SR. POSSIDONIO. — Sabio nacional, organisador de um basar de prendas velhas no museu archeologico e descobridor de uma carroagem que elle mesmo não sabe se foi na antiguidade a tina de Semiramis ou se foi o bidé de Nero. Elle é d'essa berlinda, d'aquelle basar de prendas e do Instituto de França.

Fig. 12 - O Arq. Possidonio da Silva, caricaturado por Raphael Bordallo Pinheiro ("O Antonio Maria", de 30 de Setembro de 1880).

Sociedade que adoptou Carlos Ribeiro como patrono. Fundada no Porto no Verão de 1887 por Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, Xavier Pinheiro e João Barreira, então alunos da Academia Polytechnica, o seu objectivo era o de promover, mediante a colaboração dos maiores vultos da época nas ciências naturais e sociais, um verdadeiro ressurgimento nacional; a tal propósito, Basílio Telles, que redigiu a apresentação da Revista, declara (TELLES, 1890, p. 3): "Desde que um Darwin encontra no livro de Malthus, escripto com meros intuitos economicos, o principio da concorrência vital que lhe dá a explicação d'uma infinidade de factos até então incoherentes e confusos (...), não será temeridade (...) seguir na esteira d'esses vultos". Nascida no Porto, no seio da burguesia triunfante, é a essa mesma classe, como outros já assinalaram (DINIZ & GONÇALVES, 1993/1994, p. 182), "que a lei da selecção natural, exigindo o triunfo do mais forte, assenta exemplarmente, eles são os mais capazes economicamente e os mais bem apetrechados científica e tecnologicamente", face a uma aristocracia anacrónica e a um povo analfabeto.

Apesar disso, a revista mantinha-se com enormes dificuldades financeiras, a ponto de Martins Sarmento ter declarado a sua disponibilidade económica, nem que para isso "tivesse de deixar de fumar alguns charutos" (PEIXOTO, 1898). A revista sobreviveu nove anos, até 1898, tendo-se publicado 5 volumes em 20 fascículos, totalizando 1034 páginas impressas, com colaboração de eminentes individualidades, tanto das Letras como das Ciências, como Alberto Sampaio, Augusto Nobre, Júlio de Matos, Leite de Vasconcellos, D. Luiz de Castro, Martins Sarmento, para além dos próprios responsáveis da revista, a que mais tarde se juntou o honrado Wenceslau de Lima, lente de paleontologia da Academia e um dos últimos chefes de governo da Monarquia. Extintas a Revista e a Sociedade, ainda assim o espírito que as animou teve continuidade, até 1908 na prestigiada revista *Portugalia*, também dirigida no Porto por Ricardo Severo e Rocha Peixoto.

Outra das consequências no plano científico da célebre reunião de Lisboa terá sido a criação da Cadeira de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra – era na verdade a síntese programática da própria actuação da Comissão Geológica – em 1885, por iniciativa de Bernardino Machado (Fig. 14), da qual se tornou, como então se dizia "lente proprietário". Recorde-se que se deve a Bernardino Machado, enquanto Ministro, a criação em 1893 do então Museu Ethnologico Português, sob a direcção de Leite de Vasconcellos, com propósitos idênticos aos que animavam o grupo da *Portugalia*. Assim se continuou a cultivar, na viragem do século, tanto no Porto, como em Coimbra e em Lisboa, o ambicioso projecto que era o estudo do Homem Português, desde as suas raízes mais longínquas, pois que elas também estavam no cerne da originalidade das múltiplas manifestações populares modernas, apanágio da sua individualidade: estudá-las era, também, uma forma de contribuir para o reforço do patriotismo desta tão abalada Nação.

A derradeira sequela da impressionante polémica desencadeada em Portugal há precisamente 120 anos sobre o Homem Terciário teve por palco, exactamente, os mesmos terrenos pisados por Carlos Ribeiro e seus pares, tendo por protagonistas os membros de uma equipa dirigida por Mendes

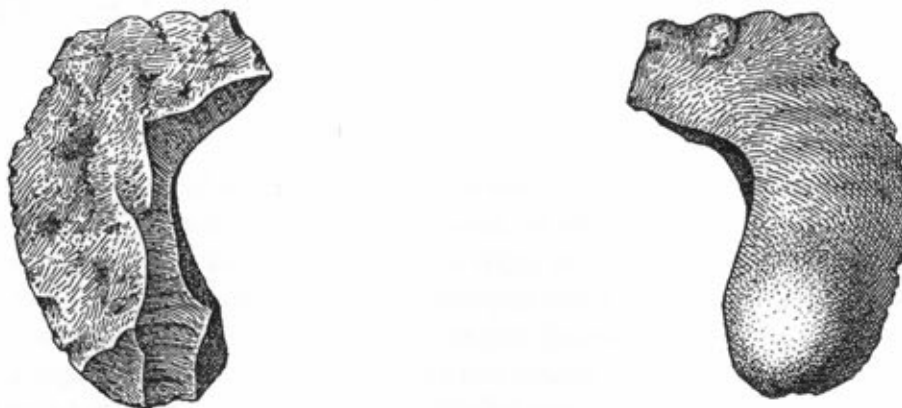


Fig. 1 et 2.

SILEX TAILLÉS DU GRÈS TERTIAIRE D'OTTA.

Fig. 13 - Esquírola de sílex supostamente intencional, recolhida por Bellucci na face inferior de uma bancada arenítica, provavelmente já quaternária, explorada pelo participantes da excursão a Ota, integrada na IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizada em 22 de Setembro de 1880 (CARTAILHAC, 1886).



Fig. 14 - Doutor Bernardino Machado, primeiro Professor Proprietário da primeira Cadeira de Antropologia que houve em Portugal, na Universidade de Coimbra (in VASCONCELLOS, J.L. de, 1933, "Etnografia Portuguesa". Lisboa, 1, Fig. 14, p. 73).

Corrêa. Admitindo a existência humana no Terciário, foi com grande expectativa, como declara, que este Professor de Antropologia se deslocou em 1926 à Quinta do Vale das Lapas, junto à estrada de Alenquer a Ota, onde Hipólito Cabaço havia recolhido ossos humanos em terrenos miocénicos. A confirmar-se a idade de tais restos, estava encontrada a prova que, em vão, insistentemente se procurou nas décadas anteriores. A escavação que, de imediato, ali se realizou, viria a revelar, porém, uma sepultura neolítica em covacho aberto no substrato miocénico (CORRÊA, 1926, Fig. 1).

O interesse de Mendes Corrêa pelo tema, numa altura em que já se tinha demonstrado a origem puramente natural dos eólitos, ao obterem-se belos exemplares a partir de um turbilhão gerado numa fábrica de cimentos em Mantes explica-se, sobretudo, pela possibilidade, pela primeira vez verificada, de se poderem associar a tais peças restos humanos. Os numerosos eólitos que Mendes Corrêa e colaboradores então recolheram *in situ*, aproveitando valas recentemente abertas no terreno (Fig. 15), em tudo semelhantes aos outrora recolhidos por Carlos Ribeiro, foram também objecto de apresentação ao II Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Amsterdão, em Setembro de 1927 (CORRÊA, 1928). Considerou-os de origem natural, até por se poder estabelecer uma sequência contínua desde as peças mais facetadas, mas sem qualquer propósito pré-concebido, como o próprio declara, aos nódulos de sílex originais em bruto.

Estas conclusões reforçavam as anteriormente apresentadas à X Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunida em Paris em 1889, por Nery Delgado. O seu trabalho, modelo de clareza e de rigor, como todos os que produziu, era o corolário dos efectuados pelo seu Mestre e antecessor. Tendo procedido, já como Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, a extensas escavações na região da Ota, não conseguiu encontrar nos conglomerados miocénicos nenhuma peça semelhante às que Carlos Ribeiro afirmou ter recolhido naquelas condições, ao contrário do que verificou à superfície, onde abundavam as peças talhadas. Trinta exemplares recolhidos *in situ* e vinte e quatro de recolhas superficiais, foram por si levados a Paris e mostrados aos Congressistas (DELGADO, 1890; 1900/1901). Uma vez mais, a discussão que se seguiu (todos, com excepção de Marcellin Boule, haviam estado no terreno, nove anos antes: Vilanova, Mortillet, Cartailhac e Quatrefages), não foi conclusiva; mas apenas Mortillet manteve a convicção da intencionalidade dos achados.

A questão do "Homem Terciário", no que a Portugal diz respeito, só foi cabalmente resolvida em 1942, por H. Breuil e G. Zbyszewski, tomando como ponto essencial de referência uma observação de Nery Delgado, a propósito de um sílex recolhido à superfície e indubitavelmente talhado, apresentando uma forte concreção ferruginosa aderente, inexistente nos exemplares recolhidos no conglomerado miocénico (DELGADO, 1890, 1900/1901). Assim sendo, admitiram a existência na Ota de dois conjuntos (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942): um, constituído por eólitos desprovidos de trabalho, em regra com arestas boleadas, oriundos dos depósitos terciários; outro, que integrava peças semelhantes às anteriores e ainda exemplares com arestas vivas, alguns indubitavelmente trabalhados em diversas épocas, por vezes com concreções ferruginosas aderentes. Esta característica

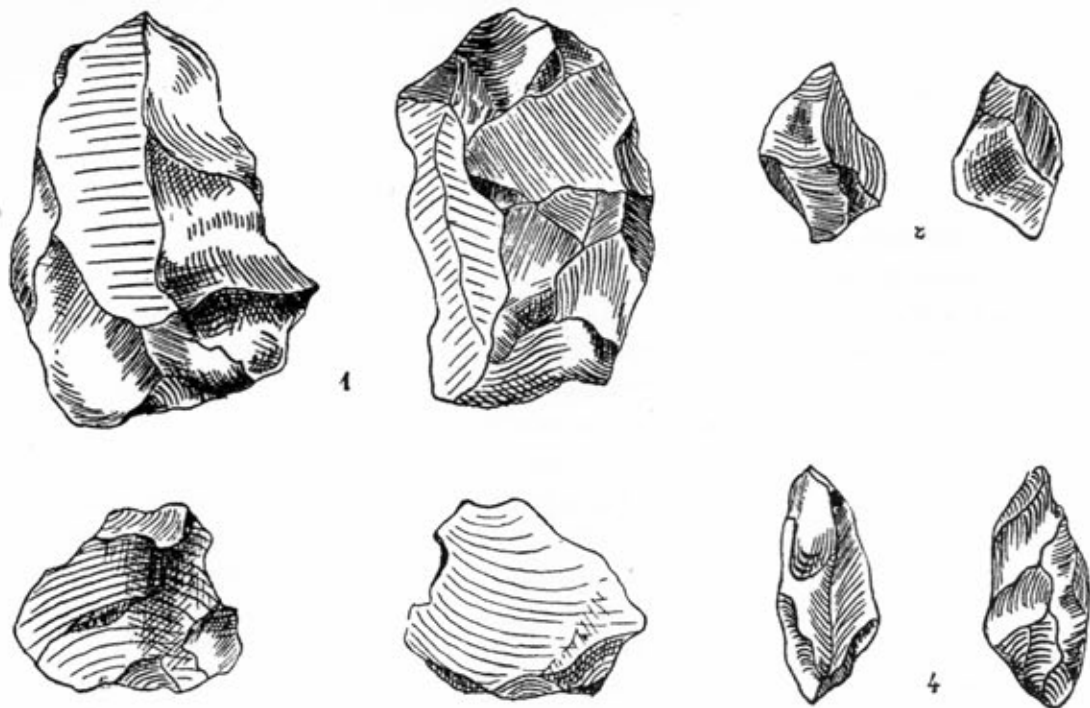


FIG. 2 — EÓLITOS DO REGUEIRÃO DO PINHEIRAO

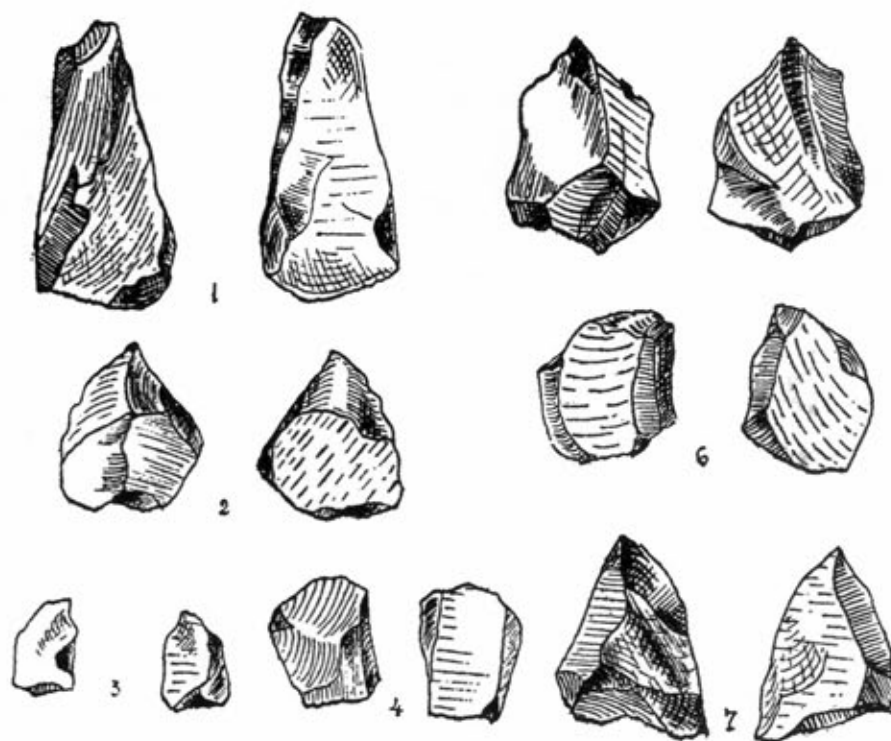


FIG. 3 — EÓLITOS DO CABEÇO DA QUINTA DAS LAGES

Fig. 15 - Eólitos da região da Ota, publicados por Mendes Corrêa e resultantes das suas próprias colheitas (CORRÊA, 1926).

mostrava que tais peças provinham de coberturas detríticas quaternárias de arenitos ferruginosos, mais modernas que os depósitos terciários subjacentes, actualmente residuais, em resultado de terem sido desmanteladas pela erosão. Foi num retalho desta formação, por certo, que Bellucci recolheu a lasca de sílex que tanta sensação tinha causado em 1880. Compreendem-se, pois, as dificuldades de Carlos Ribeiro, com os limitados conhecimentos geológicos da época, em diferenciar estes dois depósitos sedimentares sobrepostos, tanto mais que o mais moderno, além de ter sido formado à custa do mais antigo – sendo-lhe, por isso, semelhante – se apresentava apenas pontualmente conservado. Carlos Ribeiro recolheu, pois, entre muito eólitos naturais, nos conglomerados terciários, peças *in situ*, efectivamente trabalhadas, só que provinham de depósitos quaternários e não terciários, como julgava, e com ele todos os participantes da célebre excursão à Ota (CHOFFAT, 1884 b, p. 93): confrontados com a admissão da autenticidade de algumas das peças, como a recolhida por Bellucci *in situ*, recuaram, temerosos das consequências de tal reconhecimento. Isto mesmo é indirectamente reconhecido por Gabriel de Mortillet, a propósito da questão similar das peças de Puy-Courmy, que agitava pela mesma época idênticas especulações: "si ces pièces avaient été trouvées dans des terrains quaternaires, on n'aurait pas hésité à les considérer comme taillés intentionnellement".

Tão clara se nos afigura a situação traçada, que o assunto se pode dar como encerrado, apesar de alguém, talvez com o intuito de se aproveitar do prestígio de assim também poder intervir nesta célebre polémica internacional, ter achado recentemente o contrário (CREMO & THOMPSON, 1996).

Temo que, no final deste trabalho, não tenha conseguido cumprir o seu objectivo, que era o de enquadrar internacionalmente o papel de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado na Pré-História portuguesa da época, procurando as razões do seu sucesso e, conseqüentemente, traços do seu impacto no quadro social e cultural então vigente. Possa, ao menos, ter contribuído para evocar, sob outro prisma do tradicionalmente apresentado, a importância da sua obra conjunta, no plano científico e no interesse nacional, que ambos defenderam. O progresso científico não se faz só com sucessos: há erros, como o do Homem Terciário, que resultaram, estranhamente, mais do que muitas descobertas retumbantes, em benefício da própria Ciência (ANTUNES, 1986). Nas décadas de 1970 e de 1980, a presença humana foi extraordinariamente recuada, mercê das descobertas efectuadas na África Oriental, podendo actualmente situar-se bem para lá dos 2 MA, em pleno Pliocénico e portanto no Terciário. É caso para dizer que o tempo trabalhou, e continuará a trabalhar, a favor das ideias defendidas pelos pioneiros portugueses, que tanto honraram o seu País.

Agradecimento: ao Prof. Doutor Carlos Fabião, por ter disponibilizado exemplar pessoal da revista "Occidente", de onde se reproduziram figuras alusivas ao Congresso de 1880.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. (1986) - Sobre a história da Paleontologia em Portugal. *História de Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2: 773-812.
- BOUCHER de PERTHES (1847, 1857, 1864) - *Antiquités celtiques et antédiluviennes*. Paris: Treuttel & Wurtz, 1, 658p; 2, 508 p.; 3, 681 p.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) - Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26: 1-139.
- CARDOSO, F. (1889) - *Recensão de Ricardo Severo. Paleontologia Portuguesa - Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal de M. Em. Cartailhac*. Porto. 23 p.
- CARDOSO, J. L. (1993) - *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) - As grutas, os grandes mamíferos e o homem paleolítico: uma aproximação integrada ao território português. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 13-23.
- CARDOSO, J. L. & SANTOS, M. F. (1999) - Riqueza e diversidade do registo arqueológico: o caso do litoral a norte da praia de Santa Cruz (Torres Vedras). *Fraternidade e Abnegação - A Joaquim Veríssimo Serrão - Os Amigos*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2: 673-683.
- CARTAILHAC, E. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald, 347 p.
- CASTELLO-BRANCO, C. (1884) - *O general Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)*. Porto. Livraria Civilização, 71 p.
- CHOFFAT, P. (1884 a) - Excursion a Otta. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. C.-R. 9ème Session (Lisbonne, 1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 68-72.
- CHOFFAT, P. (1884 b) - Conclusions sur la Commission chargé de l'examen des silex trouvés à Otta. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. C.-R. 9ème Session (Lisbonne, 1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 92-118.
- CORRÊA, A. A. M. (1926) - O Homem Terciário em Portugal. *Lusitania - revista de estudos portugueses*. 3 (9), 16 p. (separata).
- CORRÊA, A. A. M. (1928) - Nouvelles recherches sur l'homme tertiaire en Portugal. *Actas da III Sessão do Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (Amsterdam, 1927). Paris: Librairie E. Nourry, 5 p. (separata).
- COTTEAU, G. (1881) - *Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistoriques. Session de Lisbonne. Notes de voyage*. Auxerre: Imprimerie de Georges Rouillé, 38 p.
- CREMO, M. A. & THOMPSON, R. L. (1996) - *Forbidden Archeology. The hidden history of the Human Race*. Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, inc., 914 p.

- DELGADO, J. F. N. (1890) - *Relatorio ácerca da decima sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 46 p.
- DELGADO, J. F. N. (1900/1901) - Les silex tertiaires d'Otta. *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 4: 161-164.
- DIAS, J. M. A. (1987) - *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental portuguesa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- DIAS, J. M. A.; RODRIGUES, A. & MAGALHÃES, P. (1997) - Evolução da linha de costa em Portugal, desde o último máximo glaciário até à actualidade. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 53-66.
- DINIZ, M. & GONÇALVES, V. S. (1993-1994) - Na 2ª. metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11/12: 175-187.
- FABIÃO, C. (1999) - Um século de Arqueologia em Portugal - I. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8: 86-108.
- GONÇALVES, V. S. (1978) - A emergência da Pré-História como disciplina independente (1800-1847). *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. Série IV, 2: 335-364.
- GONÇALVES, V. S. (1980) - *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880): uma leitura, seguida da "crónica" de Bordalo Pinheiro*. Lisboa. Centro de História da Universidade de Lisboa, 18 p. e anexos.
- GÓNGORA y MARTINEZ, M. de (1868) - *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: C. Moro, 158 p.
- LYELL, Sir Ch. (1863) - *The geological evidences of the antiquity of Man with remarks on theories of the origin of species by variation*. London: John Murray, 520 p.
- MORTILLET, G. de (1885, 1905) - *Le Préhistorique. Antiquité de l'Homme*. Paris: C. Reinwald. 2ª. e 3ª. edições, 658 p.
- PRADO, C. de (1864) - *Description física y geológica de la provincia de Madrid*. Madrid: Imprenta Nacional, 219 p.
- RIBEIRO, C. (1866) - *Estudos geologicos. Descrição do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado*. 1º. Caderno. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal, 164 p.
- RIBEIRO, C. (1871) - *Descrição de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario da bacias do Tejo e Sado*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 57 p.
- RIBEIRO, C. (1873 a) - *Relatorio ácerca da Sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica verificada na cidade de Bruxelas no mez de Agosto de 1872*. Lisboa: Imprensa Nacional, 91 p.
- RIBEIRO, C. (1873 b) - Sur des silex taillés, découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. C.-R. 6ème Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt, ed.: 95-100.
- RIBEIRO, C. (1873 c) - Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal qui contiennent des silex taillés. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. C.-R. 6ème Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt, ed.: 100-104.
- RIBEIRO, C. (1884) - L'homme tertiaire au Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie*

- Préhistoriques. C.-R. 9ème Session* (Lisbonne,1880). Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences: 81-92.
- SALDANHA, Marechal-Duque de (1863) - *Concordanza delle Scienze Naturali e principalmente della Geologia com le Genesi*. Roma: Tipografia Salviucci, 155 p.
- SANTOS, M. F. (1980) - Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2): 253-297.
- SEVERO, R. (1898) - Carlos Ribeiro. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. 5: 153-177.
- SIMÕES, J. M. O. (1923) - Os Serviços Geológicos em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 14: 5-123.
- SUEIRO, M. B. B. (1957) - A "Comissão Geológica de Portugal" e o IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Prehistóricas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 253-259.
- TELLES, B. (1889) - Introdução. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Porto. 1: 1-6.
- ZILHÃO, J. (1993) - As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3: 111-125.